



*Momento  
Feminino*



ANO VI



N.º 97



DEZEMBRO DE 1952



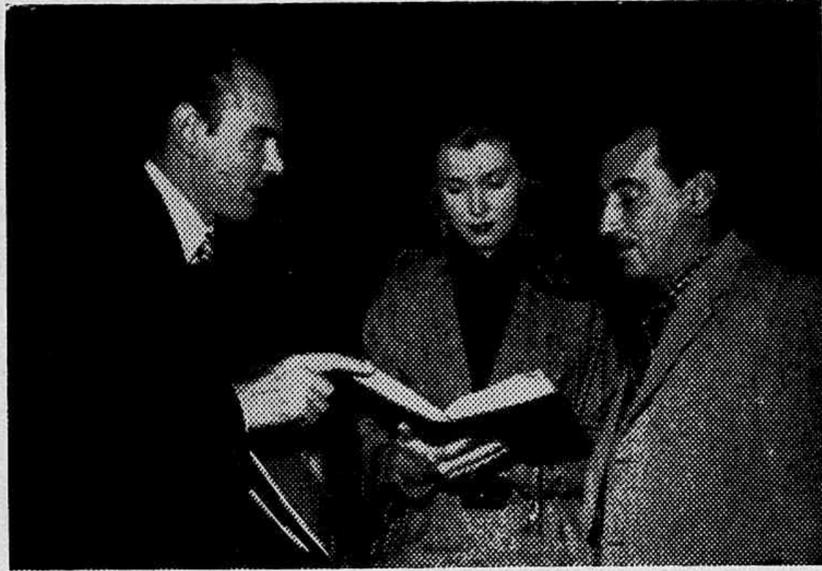
CR\$ 2,00,

*Elisa Branco* — **Prêmio Stalin da Paz**

# Os Povos se Encontraram em Viena

Dezembro de 1952 assinalou para todos os povos do mundo uma nova onda de esperança que invadiu os corações — na capital da Áustria, a bela cidade de Viena, uniram-se as vozes de representantes de mais de meio bilhão de homens e mulheres e falaram bem alto de seu desejo de ver garantida a paz para o mundo.

O Congresso dos Povos pela Paz, do qual participaram delegações que traduziam, muitas vezes, pontos de vista contraditórios ou diferentes, pessoas das mais diversas concepções a respeito das



Num intervalo dos trabalhos do Congresso, conversam a atriz Maria Della Costa e o ator Sandro Polônio com o romancista Jorge Amado.

causas da atual tensão internacional, desenrolou-se dentro de um clima da maior liberdade de exprimir livremente o pensamento de cada um sobre como acabar com as guerras e salvar a paz.

## A DELEGAÇÃO BRASILEIRA

Representando os grandes setores da opinião pública de nosso país, que por diversas ocasiões se têm declarado a favor da paz, a delegação brasileira ao Congresso incluiu nomes expressivos. Entre eles a Sra. Paulina Ambrósio, professora da Escola Nacional de Música; o romancista José Geraldo Vieira, o maestro Edoardo de Guarnieri, o general Buxbaum, deputado Valdomiro Lobo, do PTB de Minas; a estrêla de nosso cinema e teatro Maria Della Costa e seu esposo, o ator Sandro Polônio, além do escritor Jorge Amado, D. Branca Fialho, membro do Conselho Mundial da Paz e da querida heroína brasileira da paz — Elisa Branco.

## QUE CESSEM AS GUERRAS EM CURSO

Com enorme energia, todo o Congresso se manifestou pela cessação imediata das guerras em curso, como uma das medidas concretas de garantir a paz. Mme. Sun Ya Tsen, discursando perante os delegados, defendeu a cessação imediata da guerra na Coréia.

Nas resoluções finais, destaca-se em primeiro lugar aquela que determina dirigir o Congresso um apêlo às cinco grandes potências, para salvar a paz. Em segundo lugar, aquela que diz textualmente que a independência nacional de todos os Estados constitui garantia suprema da paz e que os povos têm o poder

de mudar o curso dos acontecimentos, devolvendo aos homens a tranquilidade e a confiança no futuro.

Foi ainda condenada pelo Congresso a realização de pactos militares bilaterais e outros pactos de guerra, entre as grandes potências e os pequenos países.

Uma comissão de 21 membros, entre os quais foi indicado o general Buxbaum, presidente da delegação brasileira, foi eleita para levar aos Cinco Grandes o apêlo lançado pelo Congresso de Viena.

## ELISA BRANCO RECEBE O PRÊMIO DA PAZ

Uma notícia grata ao coração das mulheres brasileiras, foi recebida quase ao encerrar do Congresso: entre os novos contemplados com o Prêmio Internacional Stálin da Paz, figurava a querida amiga Elisa Branco, aquela que em 7 de setembro de 1950, refletindo o imenso anseio de milhares e milhares de mães brasileiras, descerrara no vale do Anhangabaú, em São Paulo, uma alva faixa que dizia: «OS SOLDADOS NOSSOS FILHOS NÃO IRÃO PARA A CORÉIA».

## Salvemos a Vida do Casal ROSEMBERG

ESTÁ causando a maior repulsa na consciência mundial a iníqua sentença proferida pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos, condenando à pena de morte o casal de cientistas Ethel e Julius Rosenberg, sob a falsa alegação de terem desvendado segredos relativos à arma atômica.

Essa inominável perseguição política levada a efeito contra o casal tem levantado um clamor público por parte de todos aqueles que amam a paz. Assim, também, as mulheres de todo o mundo, por intermédio da F. D. I. M., enviaram ao Presidente Truman um telegrama, no qual exigem a libertação do casal, cuja condenação fere frontalmente os postulados democráticos e tradicionais da nação americana e cuja desumanidade atinge ao seu mais alto grau ao condenar à morte uma jovem mãe, que deixa sem proteção dois filhinhos inocentes, vítimas do arbítrio e da prepotência.

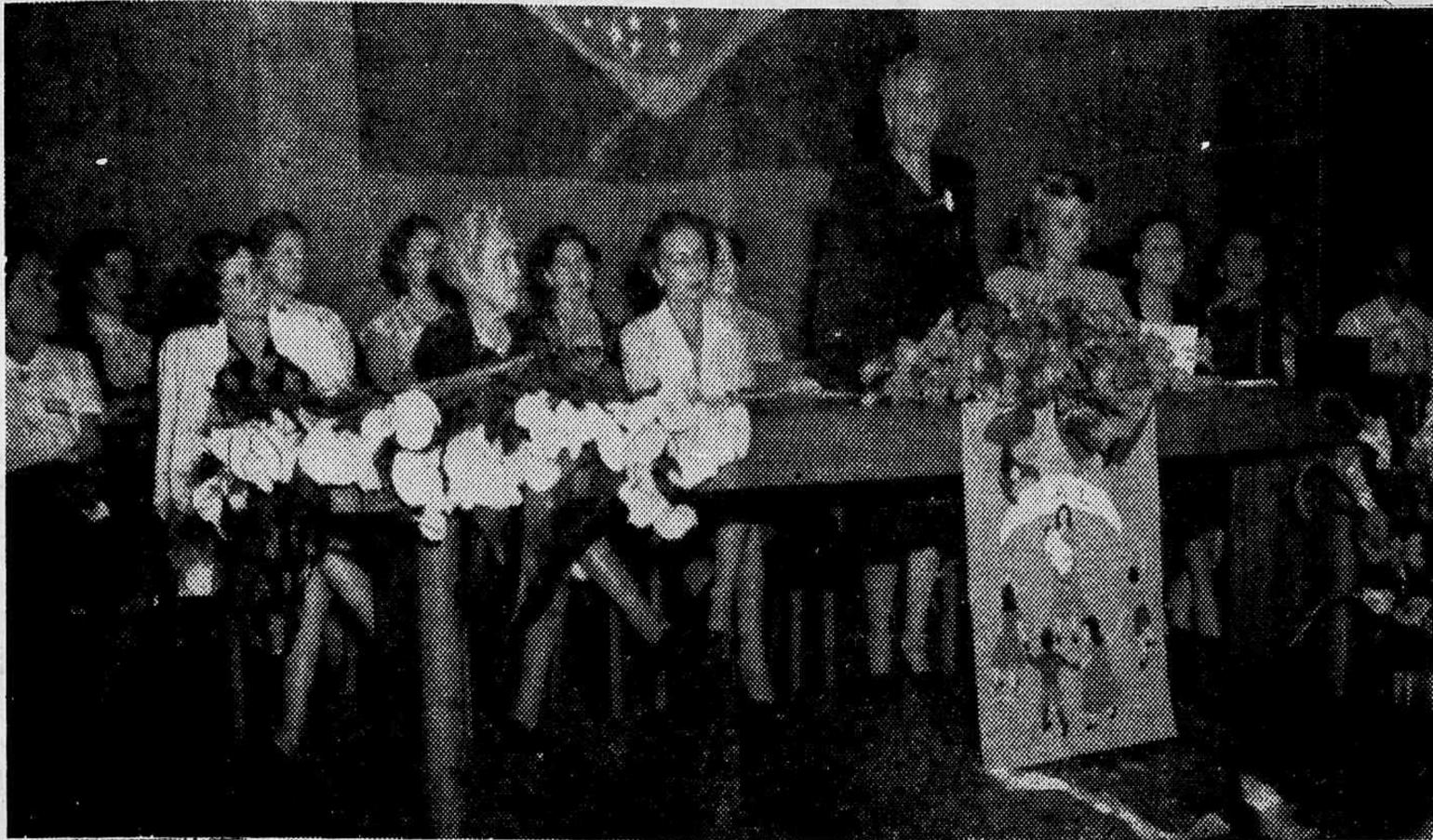
De sua cela na prisão de Sing

Sing levanta-se, porém, a voz do jovem casal que, dirigindo-se à consciência de todos os povos do mundo, alerta-os, dizendo esclarecedora:

«Encontramo-nos, hoje, na cela dos condenados à morte, como uma advertência a todos os homens e mulheres simples, de que existem hoje forças que esperam silenciar pela morte aqueles que falam em favor da paz e da democracia. Porém não nos calaremos nem mesmo por trás das grades da prisão. E seja qual fôr a sorte que se nos depare, também vós não vos deveis calar.»

Fazendo seu o apêlo dos ilustres cientistas condenados à morte, a F. D. I. M. conclamou a todas as mulheres do mundo, a todos os pais e defensores das crianças, a intensificar sua atividade em favor dos Rosenberg, a enviar delegações às embaixadas dos EE. UU. em seus respectivos países, exigindo a liberdade para os Rosenberg.

MOMENTO FEMININO



A mesa que presidiu os trabalhos da instalação da Assembléia, vendo-se D. Nuta Bartlet James, dirigindo a palavra aos presentes.

# I Assembléia Nacional de Mulheres

UM grande acontecimento na vida das mulheres brasileiras foi a realização de 14 a 18 de novembro p. findo da Primeira Assembléia Nacional de Mulheres, na Capital da República.

Dezenas de delegadas, representando nove Estados da União, debateram durante vários dias os problemas que mais preocupam a todo coração de mãe, ansiosa pela sorte de seus filhos.

A defesa da paz mundial, a conquista dos direitos das mulheres, os direitos da mulher trabalhadora, os problemas que afligem a infância — tais foram os temas que mais provocaram debates e sugestões por parte das delegadas presentes.

Mulheres simples contaram de suas dificuldades para enfrentar a carestia, da falta de creches onde deixar seus filhos, do número insuficiente de escolas e de tantos e tantos outros problemas que são o tormento do dia-a-dia de cada dona de casa e trabalhadora.

## INSTALAÇÃO SOLENE NO AUDITÓRIO DA A. B. I.

Sob a presidência de D. Nuta Bartlet James, prestigiosa líder feminina e política, e num ambiente de grande entusiasmo, foi solenemente instalada a Primeira Assembléia. Inúmeros oradores, delegadas e convidados, saudaram essa esplêndida iniciativa, que significou mais um passo para a organização das mulheres na luta por seus direitos.

## ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO EM NITERÓI

Oferecido pelas associadas da Associação Feminina Fluminense, provaram as delegadas um delicioso vatapá, servido nos recantos pitorescos do Saco São Francisco, após o banho de mar, em suas praias.

## APOIO AO CONGRESSO DE VIENA E REPÚDIO AO ACÓRDO MILITAR

Pela voz de tôdas as delegadas foienérgicamente condenada a ameaça que paira sôbre

nossa juventude, de ser enviada a morrer na infante guerra da Coréia. As verbas militares, a reforma da lei do Serviço Militar, o aumento diário do custo de vida, a incerteza sôbre o futuro dos filhos, todos êsses problemas, ardentemente debatidos, levaram a Assembléia a aceitar com alegria a possibilidade de participar de um grande Congresso dos Povos pela Paz, a realizar-se em Viena. Uma delegação foi eleita, a fim de levar a êsse Congresso a opinião das mulheres brasileiras.

Uma das teses que maior número de debates suscitou do plenário foi aquela que propôs uma campanha intensa contra a assinatura do Acôrdio Militar entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, em andamento na Câmara Federal, acôrdio que não atende aos interesses do povo brasileiro porque não vai resolver os problemas da vida cara e da falta de tanta coisa, mas vai aumentar a produção guerreira e a ameaça do envio de tropas para a Coréia ou qualquer outro lugar.

A Assembléia decidiu manifestar-se contra a assinatura dêsse Acôrdio, bem como estudá-lo em todos os seus detalhes, a fim de esclarecer as novas camadas femininas sôbre o seu significado.

## IMPORTANTES RESOLUÇÕES LIDAS NO ENCERRAMENTO

Perante enorme assistência, em meio a grande vibração e entusiasmo, foi encerrada brilhantemente a Assembléia. Com a presença de dois deputados, os Srs. Campos Vergal e Roberto Morena, e do senador Mozart Lago, sob a presidência de D. Nuta Bartlet James, foram lidas as importantes resoluções, aprovadas unanimemente por tôdas as delegadas.

As resoluções traçam um programa de atividades não só para as organizações femininas já existentes, mas para tôdas as mulheres, independentemente de suas opiniões políticas ou religiosas, ou de quaisquer outras divergências qu e as possam separar.



À esquerda, a mesa que dirigiu os trabalhos de uma das sessões plenárias, sob a presidência da Sra. Gracita Miranda, delegada de São Paulo; à direita, aspecto de uma das sessões realizadas no auditório da Associação dos Empregados no Comércio.

# A Árvore de Cristo

Conto de DOSTOIEWSKI

**S**OU romancista. O meu destino é estar sempre escrevendo histórias. Esta foi imaginada do princípio ao fim. Apesar de que bem poderia ter sucedido em qualquer parte, na véspera de Natal, numa grande cidade com um frio horrível.

O meu herói é um menino de muito poucos anos, talvez seis ou menos, ainda não bastante crescido para que desde já o façam mendigar. E' provável, contudo, que em um ano ou dois o mandem estender a mão.

Certa manhã acorda num porão úmido e frio. Está envolto numa espécie de roupão sujo e treme. Sua respiração sai como um vapor branco; está sentado a um canto, em cima de uma mala; para se distrair, êle atira de propósito o baço da boca e se diverte com vê-lo escapar. Mas tem muita fome. Várias vezes já, desde a manhã, êle se aproximou do leito de tábuas, recoberto por um colchão de palha, fino como um crepe, onde está deitada a sua mãe. Por que razão estará ela ali? Terá vindo, provavelmente, com seu filho, de uma povoação distante e terá caído enferma. A proprietária do porão foi presa, há dois dias, e conduzida ao posto de policia; hoje é dia de festa e os demais locatários saíram. Um desses maltrapilhos, contudo, está deitado, há vinte quatro horas, inteiramente bêbedo, sem ter esperado pela festa. De um outro canto vêm lamentações de uma velha octogenária atacada de reumatismo. Essa anciã foi, noutros tempos, ama de leite em algum lugar; agora morre sozinha, queixa-se, geme, chama pelo menino que começa a recheiar a proximidade do canto onde ela estertora. Encontrou o que beber, no corredor, porém não pôde arranjar o menor resto de pão e, pela décima vez, êle acaba de acordar a mãe. E' que êle terminou por ganhar medo da escuridão; a noite já vai alta e ninguém acende fogo. Tateando, êle encontra o rosto da mãe e se surpreende de que ela não se mexa mais e se tenha tornado fria como a parede. O corpo está inerte. "Faz muito frio" — pensa ela. Fica imóvel algum tempo, a mão no ombro da morta. Depois põe-se a soprar nos dedos para os aquecer e, encontrando o seu pequenino górrro sobre a cama, procura docemente a porta e sai do porão. Teria saído antes se não fôsse o medo do grande cão que lá em cima, no patamar, à porta do vizinho, latiu durante todo o dia. Mas o cão já não está lá e eis a criança na rua.

"Meu Deus! Que cidade!" Nunca vira nada de semelhante. Lá longe, de onde êle veio, a noite é bem mais negra e não há senão uma lanterna para toda uma rua; casinhas baixas de madeira, fechadas; na rua, logo que anoitece, ninguém; todo o mundo se fecha em casa; somente uma multidão de cães que uiva, na noite sombria; centenas, milhares de cães uivando e ladrando por toda a noite. Mas, em troca, havia calor; e tinha-se o que comer.

"Ah, meu Deus, como seria bom comer! Mas, que algazarra, que barulho! quanta luz e quanta gente! quantos cavalos e carruagens! E o frio, o frio! O corpo fatigado dos cavalos desprende uma fumaça fria, e os seus focinhos ardentes respiram um fumo branco; as ferraduras soam no calçamento, através da neve mole. E como todos se atropelam... Meu Deus! Como eu queria comer! um pedacinho de qualquer coisa... Isso me faz doer os dedos!..."

Um policia acaba de passar e virou o rosto para não ver o menino.

"Aqui está outra rua... oh! como é larga! Vão-me esmagar aqui, de certo; como correm... e luz, luz! E isto, o que será? Oh! que grande vidraça! E atrás da vidraça, uma sala e, na sala, uma árvore que vai até o teto; é a árvore de Natal!... e quantas luzes sob a árvore! papéis dourados e maçãs! e bonecas e mtôda a volta, e cavalinhos de pau. Há crianças na sala, bem vestidas, limpinhas; e riem e brincam e comem coisas. Eis uma menina que se põe a dançar com um rapazinho; como é linda, a menina! ouve-se a música através do vidro..."

O menino olha, admira e já sorri; não sente mais dor, nem nos dedos nem nos pés; os dedos de sua mão ficaram inteiramente vermelhos; êle já não pode dobrá-los e sente dor quando os mexe... e de repente os dedos começam a doer; êle chora e se afasta. Percebe, por um outro vidro, uma outra sala; e ainda árvore e bolos de toda espécie em cima da mesa; amêndoas vermelhas e amarelas. Quatro lindas senhoras estão sentadas e, quando alguém chega, dão-lhe um pedaço de bôlo; a porta se abre a cada instante e entram senhores. O pequeno intrometeu-se, abriu bruscamente a porta e entrou.

Oh! que barulho fizeram ao vê-lo, que agitação. Logo uma senhora se levantou, meteu um kópec na mão e lhe abriu, ela mesma, a porta da rua. Como êle teve medo, o menino!

A moeda caiu-lhe das mãos e rolou no degrau da escada; êle não podia mais fechar os pequeninos dedos, de modo a segurar a moeda. O menino saiu correndo e caminhou rápido. Onde ia êle? Não sabia. Gostaria bem de chorar, porém tem medo de mais. E corre, corre, soprando as mãos. E é tomado de tristeza; sente-se tão só, tão espantado! E de repente, meu Deus! que será ainda? Uma multidão de pes-

soas ali, de pé, que admira. Numa vitrina, por trás do vidro, três bonecas lindas, vestidas de ricas roupinhas vermelhas e amarelas, exatamente como se fôsem vivas! E o velhinho sentado que parece tocar um violoncelo. Há também dois outros, de pé, que tocam violino pequenino e balançam a cabeça em compasso. Olham uns para os outros e seus lábios se mexem: êles falam, de fato! Apenas não se ouve, por causa do vidro.

E o menino pensa, a princípio, que êles são vivos; quando compreende que são bonecos, põe-se a rir. Nunca êle viu bonecos semelhantes e nem imaginaria que os houvessem assim. Ri, quase que tem vontade de chorar; mas... que ridículo chorar por causa de uns bonecos!

De súbito, êle se sente agarrado pela roupa; perto dêle está um rapaz grande e mau, que lhe dá um sóco na cabeça, lhe arranca o gorro e dá-lhe um pontapé.

Êle cai. Ao mesmo tempo, todo mundo grita; êle fica, por um momento, rígido de horror. Depois se levanta de um pulo e corre, corre, mete-se pela porta de uma cocheira e se esconde num pátio, por detrás de uma pilha de lenha.

"Aqui ninguém me vai encontrar; está bem escuro."

Põe-se de cócoras e se encolhe todo; em seu terror, êle mal pode respirar. Falta-lhe o ar, o ar... Mas de repente, que estranho! Sente



um bem-estar; seus pés e mãos já não lhe causam mal algum e êle se sente quente como se estivesse perto do fogão, e todo o seu corpo estremece. Ah! êle vai adormecer.

"Como é bom dormir aqui! Demorarei um pouco e depois irei ver as bonecas outra vez" — pensa êle, e sorri à idéia das bonecas. — "Direitinho como se fôsem vivas!..."

Depois êle ouve a canção de sua mãe. "Mamãe, eu durmo... ah! como é bom aqui para a gente dormir!"

— Vem à minha casa, criança, vem ver a árvore de Natal — murmura uma voz suave.

Êle pensou, a princípio, que era sua mãe; mas não, não era ela. Quem o chama, então? Êle não vê. Mas alguém se debruça sobre êle e o envolve na obscuridade; êle lhe estende a mão e... bruscamente — Oh! que luz! Que árvore de Natal! Nunca sonhara com uma árvore assim tão linda! Nunca viu coisa semelhante!

Onde se acha êle agora? Tudo reluz, tudo brilha. E as bonecas em toda a volta. Não, bonecas, não; são meninos e meninas, apenas são muito brilhantes. Êles rodam em volta dêle, voam, abraçam-no, conduzem-no, e êle próprio voa. Vê sua mãe que olha, sorrindo para êle alegremente.

— Mamãe! Mamãe! Oh! como é bom estar aqui! — grita o pequeno.

E novamente abraça os meninos e pensa em como gostaria de lhes contar a história das bonecas atrás da vitrina. Mas domina-o uma curiosidade.

— Quem são vocês, meninos? — pergunta êle.

— Nós somos os pequeninos que viemos ver a árvore de Cristo — respondem todos em côro.

E' a árvore de Natal de Jesus. Em casa de Jesus, neste dia, há sempre uma árvore de Natal! para todos os meninos e meninas que não têm suas próprias...

E êle soube que todos êsses meninos e tôdas essas meninas eram crianças como êle; uns mortos de frio nas cestas em que os abandonaram, à porta dos funcionários de São Petersburgo; outros, mortos nas "izbas" sem ar dos Tchoukhnas; alguns mortos de fome no seio exausto de suas mães, durante a fome de Samara; outros, envenenados pela infecção dos vagões de terceira classe. Todos estão aqui, agora; todos

(Continua na pág. 10)

# Os Enfeites da Árvore de Natal!

LEDA SÁ

Quando Papai Noel fez a primeira árvore de Natal, todos os enfeites eram brancos.

Papai Noel morava no Polo Norte, por isso a sua árvore estava toda enfeitada de flocos de neve, bolas de neve, etc. Olhando-a, disse êle:

— "Não! Está bonita a árvore, mas faltam-lhe as cores. Deve haver azul, vermelho, verde, amarelo..."

— "Oh! Papai Noel!" — disse o Ursinho Branco. — "Vamos enfeitá-la com um arco-íris!"

— "Isso mesmo!" — concordou Papai Noel. — "Coloquemos na nossa árvore um arco-íris! Mas quem irá buscá-lo? O Papai Urso Branco, não?"

— "Oh!" — exclamou o Ursinho Branco desapontado, com vontade de chorar. — "Eu é que tive a idéia de usar o arco-íris. Eu deveria ir à procura dêle!"

— "Muito bem" — disse Papai Noel com bondade. — "Mas você precisa tomar cuidado. Os arco-íris são muito delicados e quebram-se com grande facilidade. E você é ainda tão pequenino!"

— "Eu tomarei cuidado, sim!" — prometeu o Ursinho, e saiu correndo quanto lhe permitiam as suas perninhas gorduchinhas. Correu... correu... até que encontrou o mais lindo arco-íris! Tomou-o, enroscou-o às costas e voltou cautelosamente para o lugar onde estava Papai Noel. Passou pelos bancos de gelo, atravessou mares gelados, até que chegou.

— "Viva!" — gritou êle triunfante. — "Aqui está!" — E nesse instante suas patinhas traseiras escorregaram e... bum! Lá se foi o Ursinho para o chão, deixando o arco-íris feito em pedaços!

— "Não chore, não chore!" — dizia o Papai Noel. — "Você não se machucou, isso é que é importante!"

— "Mas o arco-íris se quebrou!" — soluçava o pobre Ursinho. — "E eu vinha com tanto cuidado!"

— "Não faz mal" — consolou Papai Noel. — "Colocaremos os pedaços na árvore e ela vai ficar ainda mais bonita assim... Então tomaram um pedacinho vermelho e penduraram, depois um azul, outro verde, outro amarelo, e a árvore ficou realmente mais linda..."

— "Oh!" — exclamou o Ursinho todo risonho. — "Estou contente por haver caído!"

E daí para cá temos os lindos fragmentos do arco-íris para colorir nossa árvore de Natal.



# Vidas Sêcas

ROMANCE DE GRACILIANO RAMOS

## CAPÍTULO X

### BALEIA

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de mós-cas. As chagas da bôca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no matq, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de perdeneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fêz tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

— Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fôfo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na trama e abrir a porta, mas sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-os e tratou de subjugar-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinha Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

— Capeta excomungado.

Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio enrolado na cobertura vermelha e na saia de ramagens.

Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou mucochos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniência deixar cachorro doído solto em casa. Mas compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinha Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas. Como isto era impossível, levantou os braços, e, sem largar o filho, conseguiu ocultar um pedaço da cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baraúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis:

— Ecô! ecô!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar do outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às painelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro dos bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um dêles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali, cobria-se de poeira, evitava as mós-cas e os mosquitos, e, quando se levantava, tinha folhas sêcas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal, esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente, não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu um cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.



Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-os de novo e lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto meio esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que êle encerrava surpresas desagradáveis. Fêz um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dêle, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objeto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.

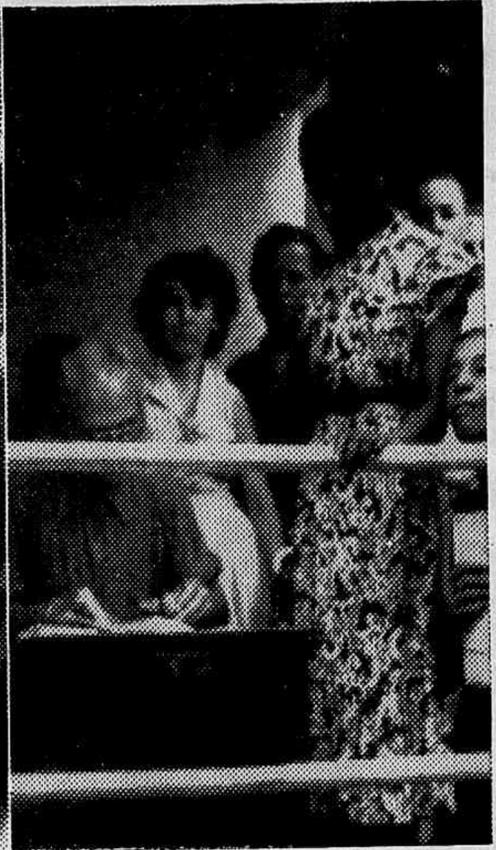
Os chocalhos das cabras tintilaram para os lados do rio, o odor forte do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência dêles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a êsse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente, os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no terreiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Êstes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as

(Continua na pág. 10)



Pelas ruas da cidade, os bandos precatórios contaram sempre com a simpatia e a contribuição do povo carioca. Ao lado, uma das jovens operárias, que ao lado de dezenas de outros trabalhadores, ingressou no seu Sindicato.

## Em Greve os Tecelões Cariocas

NO dia 5 de dezembro, após uma decisão injusta do Tribunal Superior do Trabalho, declararam-se em greve, até a vitória de suas reivindicações, 20 mil tecelões cariocas.

O TST, determinando que o aumento de salários pleiteado pelos textéis, já anteriormente concedido em dissídio coletivo, fôsse contado na base de 60% sobre os salários de 1948, provocou uma imensa onda de revolta entre os operários.

A partir desse momento, começaram a luta, com o seguinte programa:

- a) aumento de salários de 60%, sobre os salários atuais;
- b) quebra da cláusula de assiduidade integral e
- c) pagamento dos dias de greve.

### INTENSO TRABALHO DE SOLIDARIEDADE

Logo após ter sido tomada a decisão da greve, na sede do Sindicato, começaram a organizar-se as comissões de trabalho e os piquetes, além das comissões que deveriam percorrer todas as fábricas, a fim de conquistar a adesão total de todos os tecelões.

Na sede do Sindicato, reunido em assembléia permanente, milhares de trabalhadores debatiam continuamente todos os problemas que surgiam.

Uma cozinha foi improvisada, na própria sede, e ali foram fornecidas refeições àqueles que lá permaneceram.

De todos os lugares, de corporações irmãs, organizações diversas, ligas camponesas, entidades profissionais etc. chegaram incessantemente os frutos da solidariedade popular.

Foram gêneros, dinheiro, roupas — às dezenas, aos milhares, dia a dia, chegavam à sede do Sindicato.

Inúmeros bandos precatórios, compostos por moças e rapazes, jovens tecelões, percorreram as ruas da cidade, recebendo por toda a parte a acolhida carinhosa da população carioca.

### A PRESENÇA DA ASSOCIAÇÃO FEMININA

Durante todo o período da greve, estiveram presentes as representantes da AFDF. Participando dos trabalhos da cozinha, dos bandos precatórios, dos piquetes, auxiliando na propaganda, na assistência aos grevistas, a Associação Feminina do Distrito Federal conquistou a simpatia dos grevistas.

Uma associada da União de Donas de Casa do Irajá emocionou a assembléia e ganhou aplausos calorosos quando penetrou na sede do sindicato trazendo atrás de si os operários de uma nova fábrica, que aderiu à greve após o seu trabalho de esclarecimento e graças ao seu entusiasmo.

### ASSASSINADO PELA POLÍCIA UM JOVEM TECELÃO

Defendendo os interesses dos patrões das fábricas de tecidos, cujos lucros são fabulosos, à custa dos salários miseráveis que pagam aos tecelões, a polícia carioca usou mais uma vez de violenta repressão. Em frente à Fábrica Confiança, no dia 6 de dezembro, foi morto a tiros o jovem Altair de Paula Rosa, de 23 anos de idade, operário da Fábrica de Tecidos Santo Antonio S. A., quando participava de uma comissão de conciliação de adesão à greve.

Vários outros operários foram feridos nessa ocasião.

### COMO VIVE UMA OPERÁRIA TEXTIL NO RIO DE JANEIRO

«Momento Feminino» fez-se representar junto aos grevistas e pôde conhecer assim, ditas pelas próprias tecelãs, que constituem a grande maioria dos trabalhadores textéis, as razões de sua greve.

Dissê-nos uma operária:

«Trabalho há nove anos no Moinho Inglês, e ganho Cr\$ 29,00 por dia. Se falto um dia, por motivo de doença, perco o direito ao domingo. Moro em Nilópolis e tenho uma filhinha de 3 anos. Por isso, como tenho que entrar na fábrica às 7 da manhã, sou obrigada a acordar às 2 da madrugada. Abro as janelas para arejar a casa, acordo a garota e tenho que ir deixá-la na casa de minha irmã. Só depois é que tomo a condução para o trabalho.»

«Às vezes, acrescentou, ficam paradas várias horas por

falta de fios e, no fim, somos descontadas.» Essa é a minha vida de todos os dias. Largo às 4 e só vou chegar em casa às 7 horas da noite. É por isso que estou aqui trabalhando na greve. Não é possível continuar com esta vida.»

### O JURAMENTO

Em sua assembléia do dia 9 de dezembro, milhares de textéis cariocas fizeram um solene juramento:

«Nós, operários textéis, reunidos em assembléia permanente, juramos nos constituir todos em Comitês de greve para que possamos garantir a manutenção da greve em todas as fábricas, mesmo que seja necessário para isto o sacrifício de nossas próprias vidas.»

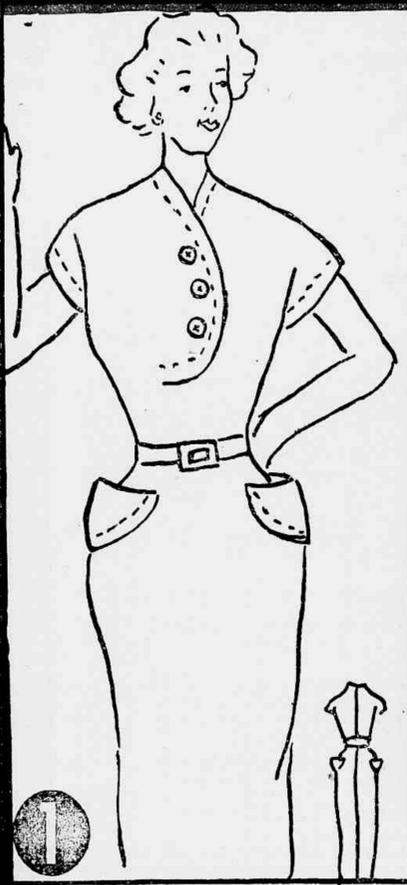
Esse juramento tem a força de uma fé inabalável na vitória, que será sem dúvida conquistada.

## GREVE DOS TÊXTEIS DE RECIFE

As fábricas de tecido do Estado de Pernambuco entraram em greve no dia 12 de novembro p. findo, em vista dos empregadores se recusarem a pagar 30% de aumento já determinado na Justiça do Trabalho. O operariado textil pernambucano é composto de mais de 2/3 de mulheres. E estas muito se distinguiram pelo entusiasmo e firmeza com que sustentaram a greve. Durante uma semana, todas as fábricas de Recife, Moreno, Paulista, Camaragibe e de outras cidades paralisaram totalmente suas atividades. Durante todo o dia entravam homens, mulheres e jovens no Sindicato dos Têxteis para levar apoio.

A Associação de Mulheres de Pernambuco, a União Feminina de Casa Amarela, a Associação Feminina da Liga Camponesa de Iputingá, elementos femininos de Mustardinha, Mangueira e Campo Grande se incorporaram em comissões para angariar dinheiro e gêneros para os grevistas. E, assim, com a simpatia e a ajuda da população da capital e de outras cidades, os operários têxteis foram vitoriosos.

Para os dias de verão...



1. Modelo simples, em lino ou fustão. Pesponto com linha da cor da fazenda, ou num tom mais vivo.



2. Para tecido listado, ideal para os dias quentes.



3. Um aventalzinho para sua filhinha, com renda nos ombros e na barra.



4



5

4. Bonito vestidinho em fustão branco, com bordados na barra da saia e nos ombros. Um viés da mesma fazenda dá maior graça.

5. Vestidinho simples, em algodãozinho listado. Uma renda de passar-fita é o seu enfeite.



6

6. Blusa de fustão branco. Peitilho em nervuras. Uma fitinha de veludo dá-lhe maior encanto.



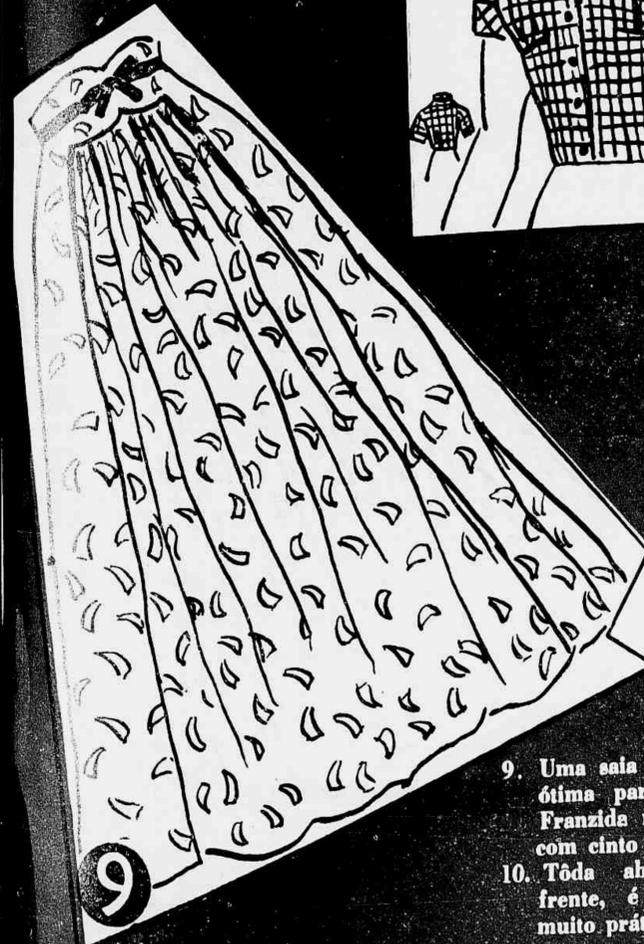
7

7. Com um retalho você faz essa blusinha.

8. Em xadrez, é um lindo modelo para usar com saia branca.

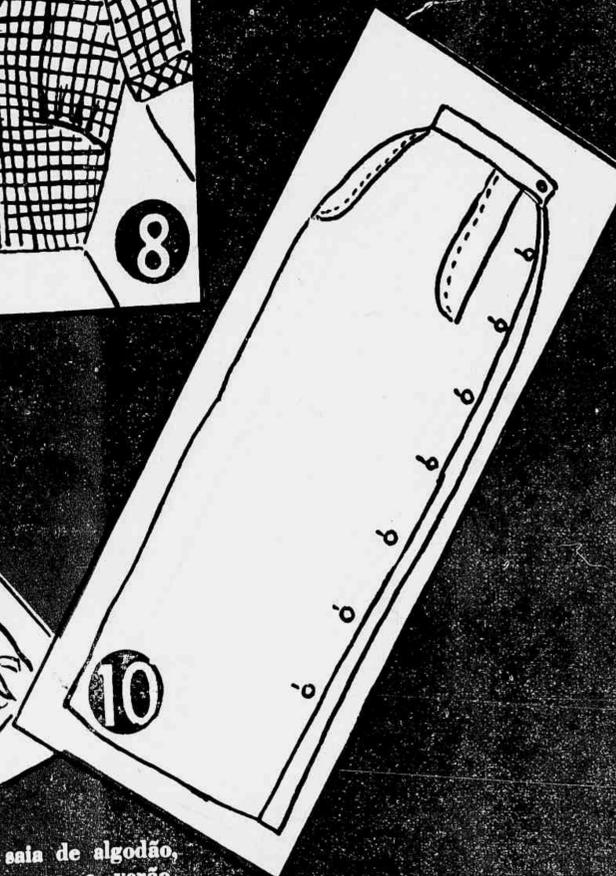


8



9

9. Uma saia de algodão, ótima para o verão. Franzida na frente e com cinto largo.



10

10. Tôda abotoada na frente, é uma saia muito prática.

# Cada História é um Grito de Dor — A História de Maria Ferreira

**H**A' tempos foi noticiada uma "revolta" na penitenciária de Bangu. Lá em Bangu centenas de mulheres são colocadas pela sociedade à margem da vida e da felicidade. A fome e o abandono lançaram aquelas nossas irmãs no caminho do crime. Mais criminosos, porém, são os responsáveis pela fome e pelo abandono das crianças, que são os homens e as mulheres de amanhã.

Marinete, presa pela sua ação em defesa da Paz, justamente com Jean Sarquis, está vendo de perto esses sofrimentos, ouvindo as personagens reais de histórias tristes e amargas.

Sobre a "revolta" e a vida das prisioneiras de Bangu enviou a seguinte carta a este jornal:

"Como esse jornal é um órgão que luta pelos direitos e reivindicações femininas, desejo dar alguns esclarecimentos sobre os motivos que levaram inúmeras presas a um protesto coletivo no refeitório, o que foi pretexto para esta polícia exceder-se, ferindo várias detentas.

Não são apenas os sofrimentos, as humilhações e a péssima comida servida aqui que deram margem a manifestações de revolta. Suas origens são bem mais profundas e estão no próprio desequilíbrio econômico de nossa pátria, que está provocando um considerável aumento de mulheres desajustadas.

Esta sociedade que aí está perdeu a capacidade de assistir à maioria de seus membros. Estas pobres infelizes que a polícia espanca, prende e arrebanha para os presídios vêm do interior dos Estados e dos morros da cidade, em busca de meios para a sua fome crônica. Muitas delas, quase a totalidade, são adolescentes que mereceriam apoio, carinho e proteção se outra fôsse a mentalidade dos governantes e responsáveis pelos destinos de nosso povo.

A minha permanência neste presídio fez-me sentir toda a crueldade e miséria de que estão sendo vítimas, há muito tempo, desamparadas. Porque, minhas amigas, uma coisa é a gente ler, ouvir comentários, e outra, completamente diferente, é ouvir de própria voz as histórias de seus sofrimentos, assistir com os nossos próprios olhos as marcas que a vida de abandono deixou.

## OFICINA DE CONCERTOS ELECTRO-MECÂNICA

**DARWIN DA SILVA REIS**

Rádio, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas,  
Ferros, Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos,  
Fogões e Gás, etc.

FONE 42-0954

Cada história é um grito de dor e desespero que fere e choca a nossa sensibilidade. Elas retratam fielmente o regime em que vivemos.

Como testemunho, citarei apenas um caso, porque, se eles variam na forma, suas origens são sempre as mesmas: a falta de assistência econômico-social.

Resumirei a história de Maria Ferreira, porque é a que está condenada a maior número de anos e é considerada pela administração deste presídio como o pior elemento.

Disse-me ela:

"— Fiquei sem meus pais mais ou menos aos oito anos. Entregue a uma parenta velha, juntei-me aos garotos no morro, formando um grupo para as nossas tropelias. Iamos buscar lá em baixo na cidade o que precisávamos e não podíamos comprar: doces, frutas, roupas, bagulhos, enfim. Aí fui apanhada e levada para o SAM. Lá eu aprendi muito mais sobre furtos e saí mais revoltada com os maus tratos recebidos."

Perguntei-lhe: Por que não procurou um trabalho, Maria?

"— Não acredito em trabalho. Meu pai era operário e o dinheiro nunca chegou para a gente comer com fartura. Vi muitas vezes minha mãe chorar por faltarem as coisas em casa.

Resolvi juntar-me a um novo grupo e começamos a assaltar. No começo parecia brincadeira, mas depois foi-se tornando mais difícil, com a caça policial. Numa das vezes, um do grupo matou um homem quando o assaltava, e como estivesse no meio, fui procurada e apanhada. Condenaram-me a 20 anos, tendo a polícia aumentado a minha idade para o fazer. Agora mesmo perdi as leis a que tinha direito devido ao meu comportamento aqui."

E exclamava, num brado de revolta:

"— Se eu fôsse bonita, branca e tivesse dinheiro, poderia roubar à vontade que não ficaria aqui, como não ficaram outras que por aqui passaram durante estes cinco anos em que aqui estou."

Os responsáveis pelo abandono de nossa juventude deverão prestar contas um dia às Marias Ferreiras.

Porque, se esta é, infelizmente, uma jovem delinqüente, a maioria que aqui está e fica meses, e até um ano, são jogadas aqui dentro pelo simples fato de perambularem pelas ruas.

Para sentir e assistir a tantas injustiças é que sairei daqui ainda mais disposta a lutar pela união e organização das mulheres, único meio de resolver problemas tão angustiantes.

Os orçamentos militares deveriam ser transformados em assistência aos abandonados e a libertação econômica de nossa Pátria, isso trará a solução para todas as dificuldades em que se debate a nossa gente.

Marinete."

## A ÁRVORE DE CRISTO

(Continuação da pág. 4)

são anjos, agora, em casa de Jesus, que sorri, no meio deles, estendendo-lhes as mãos, abençoando-os, a eles e às pecadoras suas mães...

Porque também as mães dessas criancinhas estão, lá, afastadas, e choram; cada uma reconhece seu filho ou sua filha e os meninos voam para elas, beijam-nas, enxugam suas lágrimas com as mãos pequeninas e lhe suplicam que não chorem, pois eles se sentem felizes ali...

E, em baixo, pela manhã, o porteiro encontrou o pequeno corpo do menino refugiado no pátio, enregelado e atrás da pilha de lenha. Encontraram sua mãe também. Morrera antes dele e reviram-se os dois no céu, na casa do Senhor.

Por que engendrei eu esta história pueril, que produz um estranho efeito no livro de um escritor sério? Eu, que não havia prometido contar neste livro senão coisas verdadeiras, sucedidas!

Mas aí fica... De resto, bem poderia tudo isso ter acontecido realmente... Sobretudo a descoberta dos dois cadáveres!... Quanto à árvore de Natal, meu Deus! não sou eu romancista para inventar coisas como estas?

## DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

Psicoterapia e Análise

Professor de Clínica Psiquiátrica

RUA SANTA LUZIA, 732, SALA 718 — 7º ANDAR

Diariamente

## VIDAS SÊCAS

(Continuação da pág. 6)

asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a bôca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se em seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de treme. Antes de se deitar, sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

## LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

RUA DO CARMO, 49, 2º ANDAR, SALA 25  
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

FONE: 23-1064

Exceto aos sábados



# CEIA DE NATAL

VIRGÍNIA

## 1º — PATO ASSADO

Tome um pato de bom tamanho e deixe-o no tempêro durante uma noite.

Tempêro: uma xícara de vinagre, sal, pimenta do reino socada, cominho e alho. Esfregar no pato, botando por dentro. Pouco antes de ir ao forno, passar sobre êle um pouco de gordura e rodela de tomate e cebola. Assar muito bem em forno brando. Aproveitar os miúdos com o sangue, fazendo uma farofa.

Para acompanhar o pato do Natal serve-se sempre purê de maçã ou purê de castanhas.

**PURÊ DE MAÇÃ:** tome 6 maçãs e cozinhe um pouco; depois amasse bem.

**PURÊ DE CASTANHAS PORTUGUÊSAS:** Cozinhe-as muito bem com um pouco de sal e erva-doce, depois descasque-as e passe na máquina de moer. Leve ao fogo com uma colher de manteiga e um pouco de leite; mexa até amaciar bem.

## 2º — BOLO DE NATAL

250 gramas de açúcar, farinha de trigo e manteiga; 5 ovos, ameixas pretas, duas caixinhas de passas, meia xícara de nozes picadas, meia xícara de amêndoas descascadas e picadinhas. Modo de preparar: Bater muito bem o açúcar com a manteiga até ficar branca, misturar os ovos inteiros mexendo sempre, por último juntar as frutas secas com as nozes, etc., mais um cálice de vinho do Pôrto e a raspa de um limão inteiro. Cobrir o bôlo com uma glacê.

## 3º — CREME DE NOZES

De um quilo e meio de nozes, tire as 15 maiores e mais bonitas, quebre-as com cuidado para que saiam perfeitas e reserve-as. O resto, depois de quebradas, passe na máquina de moer juntando à massa obtida 1 quilo de açúcar, 1 colher bem cheia de manteiga, 12 gemas e 8 claras. Misture tudo muito bem e leve ao fogo para engrossar, mexendo sempre. Despeje em seguida num prato que possa ir ao forno, bata 4 claras que sobraram com 4 colheres de açúcar (bata primeiro as claras em neve e depois junte o açúcar); enfeite o doce com essa massa de suspiro. Decore enfim com as nozes reservadas, partidas ao meio. Leve o doce ao forno brando para que o suspiro seque. Sirva no mesmo prato.

## 4º — RABANADAS

Tome um pão próprio para fazer rabanada. Corte-o em fatias grossas e deixe ficar de mólho no leite por uma meia hora. Depois passe em ovos batidos e frite em gordura quente. Feito isto polvilhe com açúcar e canela.

## SAUDAÇÃO À F. D. I. M.

A 1 de dezembro celebrou seu sétimo aniversário a Federação Democrática Internacional de Mulheres, a poderosa organização feminina que reúne hoje 136 milhões de mulheres de 65 países de todo o mundo.

Na bela mensagem que dirigiu às mulheres, por essa ocasião, dizia entre outras coisas a FDIM:

"A FDIM está orgulhosa de haver cumprido o mandato de seu Congresso Constitutivo; no decorrer de numerosas campanhas e ações, tanto no plano nacional como internacional, não cessou de lutar pela paz, pela democracia, pelo direito

de todos os daíses à independência nacional, pelos direitos da mulher e em defesa da infância."

"Momento Feminino", revista democrática que acompanha com interêsse as atividades da Federação Democrática Internacional de Mulheres, e se coloca sempre em defesa dos mesmos direitos defendidos por aquela organização, saúda calorosamente seu sétimo aniversário e lhe augura maiores êxitos em suas ações futuras, pela salvaguarda da paz mundial e por um futuro feliz para as mulheres e as crianças.

## Decorando seu Lar

○ **ARRANJO** do lar, da maneira mais agradável à vista, deve ser uma de suas preocupações, minha amiga.

Decoração não é uma questão de dinheiro e sim, questão de bom gosto aliado ao conhecimento de algumas regras.

A decoração de uma casa varia segundo o orçamento, personalidade dos proprietários, e o tipo de ambiente que se deseja criar.

Iniciando esta seção com algumas sugestões e conselhos variados, nos números seguintes abordaremos com mais detalhes os diversos aspectos para se conseguir um ambiente bem decorado.

\*

**Comprimento de cortinas** — As cortinas devem sempre terminar: a) no parapeito da janela; b) na moldura da janela; c) rentes ao chão; d) arrastar 30 centímetros em ambiente muito luxuosos e formais. E' errado a cortina terminar a meio caminho das alturas acima ou então 2 ou 3 palmos acima do chão.

\*

Num apartamento pequeno não se deve variar muito nas cores, para não cortar o ambiente.

\*

Sala pintada com cores escuras, diminui.

\*

Com paredes escuras usam-se fazendas e móveis claros.

\*

Duas salas que se comunicam, se pequenas, devem ser pintadas da mesma cor, ou variar um pouco a tonalidade.

\*

O quarto de dormir pode ser repousante ou alegre. A cor verde é a mais repousante.

\*

Num ambiente só deve predominar uma cor forte; as outras cores devem ser mais neutralizadas.

\*

Querendo usar vários tecidos numa mesma sala, usa-se a seguinte regra de três: 1 tecido estampado, 1 tecido liso e 1 tecido listrado ou xadrez.

\*

Qualquer sugestão que queiram, ou dúvida que tenham, quanto à decoração de sua casa, enviem uma cartinha para «Marilyn — Seção «Decorando sua casa»... onde serão sempre atendidas com prazer, saindo as respostas nos números seguintes. E até o próximo mês, amigos! MARILÚ.

# Cuide de sua Beleza

SARA DIAS



## A LIMPEZA DO ROSTO

Tempo e dinheiro são os problemas principais para quem deseja pôr em prática um programa de tratamento da pele.

Por isso, apresentamos hoje um plano ao alcance de todas. Faça assim:

1) passe um bom creme de limpeza;

2) em seguida, proteja a cabeça com uma toalha e incline o rosto sobre uma vasilha com água bem quente, deixando que o vapor penetre nos poros;

Iniciamos hoje uma seção de beleza, assinada por Sara Dias, nossa correspondente na cidade de Belo Horizonte, especialista em assuntos de beleza feminina.

Qualquer consulta sobre tal assunto deve ser endereçada à nossa redação.

3) limpe o rosto com um pano fino e com os dedos bem limpos esprema os cravos e

4) depois, passe no rosto uma mistura de partes iguais de água de laranjeiras e água de rosas.

Sua pele assim ficará limpa. Então, é a hora de passar um bom creme à base de lanolina.

★

Na próxima vez daremos uma receita de loção muito simples que poderá ser aplicada todos os dias, independentemente da limpeza da pele.

## SOCIAIS

### ANIVERSARIOS

22 DE AGOSTO — Cleusa Aparecida Moschiar, nossa amiga de Batatais, São Paulo.

4 DE SETEMBRO — Dirce Silveira completou 18 anos. A jovem Dirce é representante de MOMENTO FEMININO na cidade de Rio Verde, Estado de Goiás.

2 DE OUTUBRO — Aniversariou a Sra. Gracina Albuquerque, esposa do Sr. Isaias Nunes, residentes em Senador Camará (D. F.). Dona Gracina é nossa representante naquele subúrbio.

14 DE OUTUBRO — Completou 8 anos a menina Sonia Izaura Gomes.

15 DE OUTUBRO — Completou 14 anos o jovem Fernando Martins da Silva, filho de Otaviano Martins e dona Sebastiana Silva, residentes em Campo Grande (D. F.).

18 DE OUTUBRO — Completou 6 anos a menina Célia de Oliveira Alvarez, filha de Antonio e Eugenia de Oliveira, de Uberaba, Minas Gerais.

20 DE OUTUBRO — Completou 15 anos o jovem Calisto Rosa Neto, filhinho de nossa representante em Uberaba, dona Lucília Rosa. O aniversariante, que é ótimo estudante, termina este ano a 4ª série, licenciando-se então. Ao jovem Calisto, bem como a seus pais, as felicitações de MOMENTO FEMININO por estes dois acontecimentos.

23 DE OUTUBRO — Aniversariou a Sra. Ruth Viallet Santos, esposa do Sr. Omaury Santos, residentes em Senador Camará (D. F.).

24 DE OUTUBRO — Completou 17 anos a jovem Elza Alvarês, sobrinha de nossa amiga Conceição Alvarês, de Uberaba, Minas Gerais.

27 DE OUTUBRO — Completou 10 anos o menino Mauro Gomes.

1 DE NOVEMBRO — Fêz anos a garôta Hilda Silva, filha de nossos amigos José da Silva e Francisca Maria da Silva, de João Pessoa, Paraíba.

### CASAMENTOS

Casaram-se no dia 8 de novembro os nossos amigos: senhora Maria Nunes e o Sr. Edson Estrela, residentes em Senador Camará (D. F.).

### NASCIMENTOS

8 DE NOVEMBRO — Está em festa o lar do casal Walter e Maria Carmen Filsner, com o nascimento de uma linda menina que recebeu o nome de Maria da Graça. O casal amigo reside em Uberaba, Minas Gerais.

13 DE OUTUBRO — Nasceu o lindo garôto Esequias Vicente da Silva, filhinho de Antonio Vicente da Silva e Maria José Mendes da Silva, nossos amigos de Mustardinha, Recife.

(Continua na pág. 15)

# Maria Quitéria

Fernanda Brito

A INDEPENDÊNCIA do Brasil proclamada simbolicamente a 7 de setembro de 1822, não foi somente o glorificado "Independência ou Morte" de D. Pedro I às margens do Ipiranga, tão ao gosto dos comodistas e colecionadores de frases bonitas e célebres... O grito de "Independência ou Morte" correspondeu apenas, à concretização do grande sonho de todos os brasileiros que, por mais de meio século lutaram heróica e decididamente pela libertação nacional, Felipe dos Santos, Tiradentes, Sórora Joana Angélica e muitos outros heróis anônimos e esquecidos, que a história não lhes guardou os nomes, pagaram com a vida pelo supremo ideal de liberdade de nossa Pátria. E mesmo depois de proclamada a Independência continuou a luta entre os dominadores lusitanos que, comandados pelo general Inácio Luís Medeiros de Melo — diga-se de passagem: um valoroso soldado — não se conformavam com a emancipação política do Brasil. Somente a 2 de julho de 1823 as forças do general Lima e Silva conseguiram, graças à coragem e ao heroísmo de centenas de patriotas que ofereceram a vida em holocausto à Pátria, expulsar definitivamente os soldados do general Medeiros.

Maria Quitéria de Jesus foi um desses heróis que pegou em armas para defender o solo pátrio. Quando a notícia dos primeiros combates entre brasileiros e portugueses, pela causa da Independência, espalhou-se pelo Brasil, penetrando em todos os lares dos mais longínquos sertões, Maria Quitéria, que residia no interior da província de BAHIA, não se conteve na sua indignação contra os dominadores. E como todos os brasileiros patriotas queria lutar pela causa da liberdade; armou-se para combater o inimigo e expulsá-lo do território nacional. Era grande a tristeza de Maria Quitéria que não se conformava em ficar de braços cruzados naqueles momentos decisivos para a soberania do Brasil. Queria lutar contra os dominadores de sua Pátria e lamentava não ser homem para também ir lutar nos campos de batalha. E um dia não se conteve mais. As escondidas preparou-se para partir. Tomou "emprestado" algumas roupas do cunhado (José Cordeiro Medeiros) e, "como estivesse o pai de viagem para Cachoeira, a fim de negociar uma partida de algodão, resolveu acompanhá-lo até a cidade". Escapando à vigilância do pai nas proximidades de Cachoeira entrou-se no mato trocando os delicados trajes femininos pelas grosseiras roupagens masculinas e foi, sem perda de tempo, apresentar-se ao comandante das tropas de voluntários. Quatro dias depois Maria Quitéria de Jesus, a jovem sertaneja da Serra das Agulhas era o soldado Medeiros que assentou praça no regimento de artilharia transferindo-se posteriormente para a Infantaria e mais tarde para o batalhão de caçadores chamado "Voluntários do Príncipe D. Pedro", organizado e comandado pelo major José Antônio da Silva Castro. Logo nos primeiros combates Medeiros revelou-se um soldado exemplar na disciplina e na bravura. Sua coragem assombrou a todos e a fama do seu heroísmo cedo se espalhou por toda a Província. "Aconteceu, entretanto, que o pai de Maria Quitéria aflito pelo seu desaparecimento ao cabo de ingentes esforços, descobriu-a. Descobriu-a, desmascarou-a e quase à força quis levá-la para casa". Maria Quitéria, porém, resistiu à vontade de seu pai. Argumentou e o velho sertanejo não teve outro jeito senão concordar. E o soldado Maria Quitéria continuou na tropa, agora com o seu verdadeiro nome. Justamente nesse período dá-se o glorioso episódio de defesa da foz de Paraguaçu, palco aonde se exibiu em sua forma mais expressiva a bravura da jovem baiana. Comandando um grupo de mulheres, Maria Quitéria, com água até o pescoço, lutou contra os soldados do general Medeiros que procuravam desembarcar. Expunha-se de tal forma às baionetas inimigas, que Vitor José Topázio, o comandante das tropas que defendiam o Paraguaçu, temendo pela sua vida correu a aconselhar-lhe prudência.

Nos combates de fevereiro de 1823 em Conceição e Itapoã, Maria Quitéria assaltou uma trincheira inimiga dominando a situação e fazendo prisioneiros. Citada em ordem do dia pelo marechal Labatut e Caxias, a 31 de março de 1823, foi alvo de significativas honrarias, além da confirmação de sua promoção ao posto de cadete.

Finda a campanha da Independência, Maria Quitéria recebeu as mais comoventes homenagens dos seus contemporâneos, em ruidosas manifestações. Todos queriam ver de perto a grande heroína baiana. D. Pedro I recebeu-a na Corte em audiência especial conferindo-lhe a insígnia de "Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro", concedendo-lhe também o soldo de alferes de linha, pago em sua respectiva Província.

Maria Quitéria de Jesus — segundo o professor Bernardino José de Souza — nasceu numa fazenda situada na freguesia de S. José de Itaporocas, pertencente à Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, município de Feira de Santana, na Bahia. Era filha de Gonçalves Alves de Almeida e Joana Maria de Jesus, ambos de nacionalidade portuguesa. Faleceu, na Bahia, a 21 de agosto de 1853.

# ASSIM VIVEM

Reportagem de nossa  
correspondente em São Paulo

## as Operárias da Nitro-Química

NA Nitro-Química, da capital de São Paulo, trabalham cerca de 6.000 operários, em sua maioria nordestinos, emigrados de sua terra, atraídos pela ilusão de uma vida fácil no sul.

A usina possui grande número de departamentos, mais de 200, entre os quais os de ácido sulfúrico, nitrato de potássio, funilaria, mecânica, fiação etc. etc. Nesses departamentos, 40% dos operários são mulheres. Na seção de meadas, trabalham 250 mulheres, na maioria menores de 18 anos.

O salário é de Cr\$ 5,00 por hora para as maiores e de Cr\$ 2,50 para as menores. Nessa seção, 80% das operárias trabalham por contrato, numa base de Cr\$ 2,00 por aspa (se o fio for de primeira, de seda rayon 60, ela consegue fazer 25 aspás por dia; se não, ganhará menos ainda).

### ALMOÇAM NO LEITO DA ESTRADA

As operárias têm uma hora para almoço e almoçam no leito da E. F. C. B., em pleno mato, ou na porta da fábrica, pois lá não há refeitório.

É comum ver operárias desmaiarem em plena seção, vítimas da falta de alimentação. Além disso, como trabalham por contrato, as inspetoras da seção exigem muita produção. O fio arrebenta constantemente, a máquina para, aí vem a inspetora e fica em cima da operária dizendo: «Como é, vai ou não vai?»

As operárias ficam nervosas e muitas vezes desmaiam. São então levadas para o reservado e aquela que tentar levá-la ao ambulatório é suspenso por 3 dias.

Se uma operária demorar um pouco no reservado, perde meia hora de salário e se trabalha por contrato, desconta 2 aspás, o que corresponde a Cr\$ 4,00. A operária que conversar na hora do serviço é suspensa por 3 dias, sem mais nem menos.

### ASSIDUIDADE DE 200%

As operárias entram no serviço quando faltam 5 minutos para às 7 horas. Na porta da seção há diversos quadros, com chapinhas de cada operária. Estas chapinhas têm que ser retiradas pelas operárias e jogadas dentro de uma caixa. Às 7 horas em ponto, os quadros são fechados, ficando as chapinhas presas. Daí resulta que a operária que não retirou sua chapinha antes das 7 horas, não

pode trabalhar, perdendo meia hora de trabalho e sendo descontada, por incrível que pareça, em dois domingos.

Na Nitro-Química, a assiduidade deve ser, assim, de 200%.

Os operários são obrigados a trabalhar nos feriados e aquele que faltar, é suspenso por três dias.

### AS REIVINDICAÇÕES DAS OPERÁRIAS

São muitas as exigências das milhares de operárias da Nitro-Química. Entre outras, estas são as principais:

- 1) aumento de salários para Cr\$ 6,50 a hora;
- 2) quebra da assiduidade integral, inclusive da chapinha;
- 3) uma hora e meia para almoço;
- 4) um regulamento mais humano a ser cumprido pelas inspetoras e
- 5) um refeitório dentro da fábrica, etc.

### UMA OPERÁRIA ASSASSINADA NO AMBULATÓRIO

No dia 21 de junho de 1952, a operária Maria do Carmo Almeida, de 22 anos de idade, foi assassinada no Ambulatório da Companhia, ao ser submetida a uma extração de amígdalas.

No dia 23 de julho, foi bárbaramente enforcada com uma corda de lona, à porta de sua casa, por um tarado, a operária Marília de Oliveira Souza. Marília estava casada há quatro meses.

### A ESCOLA ROUBA OS ALUNOS

A escola do SENAI, mantida pela Nitro-Química, mantém 60 alunos, que ganham Cr\$ 1,00 por hora, embora produzam até tornos de eletricidade, devendo montar este ano seis máquinas de furar.

De cada aluno é descontada a importância de Cr\$ 35,70 para o IAPI, o que é um roubo. Há ainda outros descontos e no fim do mês, o aluno não recebe mais de Cr\$ 100,00.

### O RESTAURANTE GANHA 300% EM CADA REFEIÇÃO

A comida do restaurante, que é intragável, custa Cr\$ 4,00: consta de arroz, feijão e um pedacinho de carne ou bacalhau, uma banana ou um pedaço de mamão. Para a Cia. o preço do custo sai por Cr\$ 1,00. O operário almoça e tem que

comer mais um bife, para não ficar com fome — e esse bife custa mais Cr\$ 4,00.

Quando a carne some, é substituída por um pedaço de lingüiça.

Os operários só almoçam nesse restaurante porque são descontados na folha do pagamento e não têm dinheiro para comer noutro lugar.

### RUAS ESBURACADAS E VALAS NA VILA

A vila residencial, de propriedade da Nitro-Química, é composta de 7 ruas. Aí residem mais de 300 famílias.

Nas ruas não há luz; elas são esburacadas e na rua Arujá, que liga a Vila à fábrica, a poeira é uma séria concorrente aos gases da Companhia.

Num riosinho que atravessa a Vila, são lançados os detritos da Nitro. Esse rio desemboça no Tieté, que é o que abastece água a localidade de S. Miguel, com todos os ácidos e sujeiras que contém.

São inúmeras as valas, onde faltam os canos, e onde se acumula a sujeira, trazendo os mos-

quitos, que são o inferno dos moradores.

Já se registrou um caso de tifo; o operário João Montenegro, de 25 anos, que ficou deformado após a moléstia.

### PERSEGUIDOS OS OPERÁRIOS QUE LUTAM POR AUMENTO

É Cândido Pinto de Almeida, administrador da Nitro-Química, o principal inimigo dos operários. Todos aqueles que pleiteiam melhores condições de trabalho e de salários, são perseguidos.

Em todas as seções há policiais disfarçados em operários.

Ultimamente, em represália à luta dos trabalhadores por aumento de salários, a Cia. pretendeu aumentar os alugueis das casas, para Cr\$ 600,00. Os alugueis atuais variam entre 100, 200 e 300 cruzeiros.

Essas são as cruéis condições em que vivem e trabalham milhares de operárias brasileiras que, como centenas de milhares de outras, em todo o país, empregam todo o seu esforço para a conquista do pão para seus filhos.

## NA TECELAGEM LINENSE

Na Fiação e Tecelagem Linense, em Lins (Estado de S. Paulo), não se conhece o horário universal das oito horas de trabalho. Ali, até as menores trabalham nove horas e meia, com uma pequena interrupção às 11 horas para almoço, sem refeitório, e sem direito a um só minuto para café. São 9 horas e meia sob maltratos e até ameaça de pancada do gerente, Sr. Aldo Mazuquelle, que suspende e multa arbitrariamente, segundo informações que recebemos daquela localidade. Ultimamente, até cobrou Cr\$ 3,00 de cada operária para pagar a limpeza de um muro riscado, sob pena de demissão.

As operárias católicas perderam até o direito de ir à missa

aos domingos, porque com a falta de energia elétrica foram privadas de trabalho às quartas e sábados e são obrigadas a trabalhar aos domingos.

Mesmo para as operárias que trabalham em tear, quatro para dar conta de 36 teares, o salário é o mesmo.

Sob a perseguição do gerente e da contra-mestre, levam as operárias da Fiação e Tecelagem Linense uma vida de escravidão e amarguras. Contra tal situação devem, dentro do Sindicato, lutar pela melhoria de suas condições. Só freqüentando as assembleias sindicais, expondo o que se passa na fábrica, unidas e organizadas, poderão acabar com esse sistema de exploração.

(De nossa correspondente em Lins)

# Vida de Momento Feminino

## ★ Correio Feminino ★

**N**OSSA correspondência, nas últimas semanas, mostrou-se verdadeiramente rica em experiências. Temos enorme satisfação em apresentar as contribuições das amigas, sempre interessadas no aperfeiçoamento e na combatividade de nossa revista. Destacamos com especial carinho a carta de São Paulo, com suas sugestões e crítica construtiva.

**DE ALAGOAS** — Marina Leocádia Freitas, entre outras notícias, informa que diversas senhoras de Maceió julgam que "o preço de Cr\$ 1,00 não é justo para uma revista como o MOMENTO FEMININO insistindo em pagar maior quantia pelos seus exemplares". Estamos de pleno acôrdo, Marina. Para manter o preço de Cr\$ 1,00, quantas dificuldades a gerência de MOMENTO FEMININO vem enfrentando nos dois últimos anos! Por isso aumentamos o preço para Cr\$ 2,00, a partir do número 97.

**DE SALVADOR, BAHIA**, recebemos o "Plano de Trabalho de Momento Feminino", com o objetivo de saldar a dívida local e aumentar a distribuição da revista para 500 exemplares. Consta o plano de duas partes, uma sobre a organização da campanha e outra sobre a propaganda. Salientamos, da última como sugestão para os outros Estados, os seguintes itens: quinzena de propaganda em todos os jornais e nas emissoras; comandos em fábricas e nos grandes estabelecimentos comerciais; artigos nos jornais explicando a importância de MOMENTO FEMININO.

**DO MARANHÃO** — Maysa Moreira Lima acaba de oferecer à União Feminina Maranhense o prêmio que lhe coube recentemente, na rifa "Presente de Aniversário", para reverter em fiança destinada Associação e à nossa revista. A redação de MOMENTO FEMININO agradece o gesto fraternal da amiga Maysa.

**COLABORAÇÃO CONSTRUTIVA** — A redação de MOMENTO FEMININO, em sua última reunião semanal, examinou com imensa alegria a carta de uma leitora de São Paulo. A análise de nossa revista era tão viva que nos dava a sensação da presença ativa e da participação real da companheira em nossos debates. E' de cartas como essa, às dezenas, que precisamos para o aperfeiçoamento de MOMENTO FEMININO. Passamos a transcrever alguns trechos dessa valiosa carta: "Quero receber, mensalmente, cinco exemplares de MOMENTO FEMININO. Sei que sugestões e críticas não lhes faltam e sei também que umas e outras são tomadas em consideração. Primeiro, os elogios — MOMENTO FEMININO é revista de utilidade imprescindível neste momento de lutas por uma vida melhor; é o fator de esclarecimento da fração menos esclarecida do povo, as mulheres, cujo serviço intenso e ininterrupto é, muitas vezes, mais áspero e de maior responsabilidade que o dos homens. Não há trabalho mais sublime e mais exaustivo que o de ser mãe. Muito interessantes as seções de fotografias de "Nossos Garotos", as "Sociais", contos curtos em capítulos, e a de figurinos que deve contar com grande número de apreciadores.

Deixei a crítica por último: "Reportagens e Comandos" deve ser mais ampliada e com maior número de fotografias. Quanto à distribuição da matéria, acho que nossa revista faz um pouco de mistura entre os assuntos e não lhes dá o destaque necessário — títulos mais separados do texto, mais visíveis. A ordem dos assuntos deveria ser mais homogênea e a mesma, em todos os números. Desculpem se me excedi. Meu desejo é fazer crítica construtiva e, mesmo de longe, trabalhar com vocês."

Querida companheira de São Paulo, MOMENTO FEMININO sente-se orgulhosa de sua colaboração. Continue trabalhando conosco, desejamos sentir sua presença, muitas e muitas vezes, em nossas reuniões da redação.

VALINA PAIM

## ÓTIMA INICIATIVA

**N**OSSA representante em Senador Camará, subúrbio do Distrito Federal, Sra. Gracina Albuquerque, teve uma brilhante iniciativa, em benefício de nossa revista: sabendo das enormes dificuldades financeiras que estamos atravessando, resolveu fazer uma rifa-relâmpago de uma jarra que lhe foi oferecida pela direção de «Momento Feminino».

Tendo preparado 50 números, os quais foram vendidos a Cr\$ 5,00 cada um, apurou em uma semana Cr\$ 250,00 que veio ofe-

recer-nos como contribuição.

Essa foi uma bela idéia de Gracina; seria interessante que outras amigas também aproveitassem seu exemplo e multiplicassem, as iniciativas em favor de nossa revista.

A administração de «Momento Feminino» poderá pôr à disposição de seus representantes vários objetos, a fim de serem sorteados ou vendidos, em benefício de nossas finanças.

Escrevam-nos fazendo suas propostas ou passem em nossa redação.

### AUMENTARAS SUAS COTAS:

Minas Gerais — Cambuci	— Carmen Duarte	mais 10 ex.
São Paulo — St. Anastácio	— Maria Dolores	" 5 "
São Paulo — St. Anastácio	— Maria Paes Leme	" 5 "
Mato Grosso — C. Grande	— Antonia M. Silva	" 70 "
R. G. do Sul — Erechim	— Ofélia M. Kern	" 10 "
R. G. do Sul — Pôrto Alegre	— Anita Couto	" 100 "
São Paulo — Campinas	— Hermínia Trefílio	" 26 "
São Paulo — Jundiá	— M. L. Figueiredo	" 5 "
São Paulo — Pres. Prudente	— Aparecida Sisto	" 5 "
S. Catarina — Florianópolis	— Rita Malheiros	" 30 "

Total do Aumento ..... mais 265 ex.

### SUSPENDERAM SUAS COTAS:

Goiás — Goiânia	— A. C. Meireles	menos 150 ex.
Minas Gerais — Nova Lima	— Gerolvia C. Santos	" 20 "
Minas Gerais — Pôrto Novo	— Edite Martins	" 15 "
Rio de Janeiro — Nilópolis	— Aimar Mendonça	" 35 "
São Paulo — Barretos	— Brasilina Oliveira	" 15 "

Total da diminuição .. menos 235 ex.

## São Paulo Pagou a Dívida!

A nossa representante da Capital de São Paulo, a amiga Elza Batista, tinha um débito para com «Momento Feminino» de cerca de sete mil cruzeiros — Cr\$ 6.900,00 — débito este difícil de liquidar quando chega à uma quantia grande como esta. No entanto, a Direção de Momento Feminino, necessitando muito de dinheiro para tirar seu próximo número e também querendo dar uma ajuda às nossas amigas de São Paulo e muito especialmente à nossa representante, resolveu mandar àquela Capital sua administradora, que juntamente com as amigas paulistas, fazendo várias visitas às leitoras e amigos de nossa Revista, conseguiram não só cobrir aquele débito como também alguns donativos para a manutenção de «Momento Feminino».

Queremos aqui agradecer à todas as amigas, leitoras e amigos de nossa Revista à boa acolhida que deram à nossa administradora, quando de sua estadia na Capital bandeirante e também a atenção com que responderam ao nosso angustioso

apêlo a respeito da situação financeira de «Momento Feminino».

Agradecemos também às amigas da Federação de Mulheres do Estado de São Paulo, que com sua cooperação eficaz à nossa administradora, mostraram o quanto desejam que «Momento Feminino» continue a sair regularmente a fim de esclarecer cada vez mais as mulheres de nossa terra.

## Bravos, Sto. André

De Santo André (Estado de São Paulo), recebemos novamente a importância de Cr\$ 245,00 — para abater na dívida antiga, e mais Cr\$ 270,00 para pagamento dos últimos números da Revista que lhe foram enviadas. Informa-nos ademais, a nossa agente, que os 245 cruzeiros acima referidos, foram arrecadados pelas amigas dos bairros de P. Nações, Cr\$ 125,00 e de Vila Alzira, Cr\$ 120,00.

Que o exemplo de Santo André sirva para todas nossas representantes em atraso!...

## RIFA DE NATAL

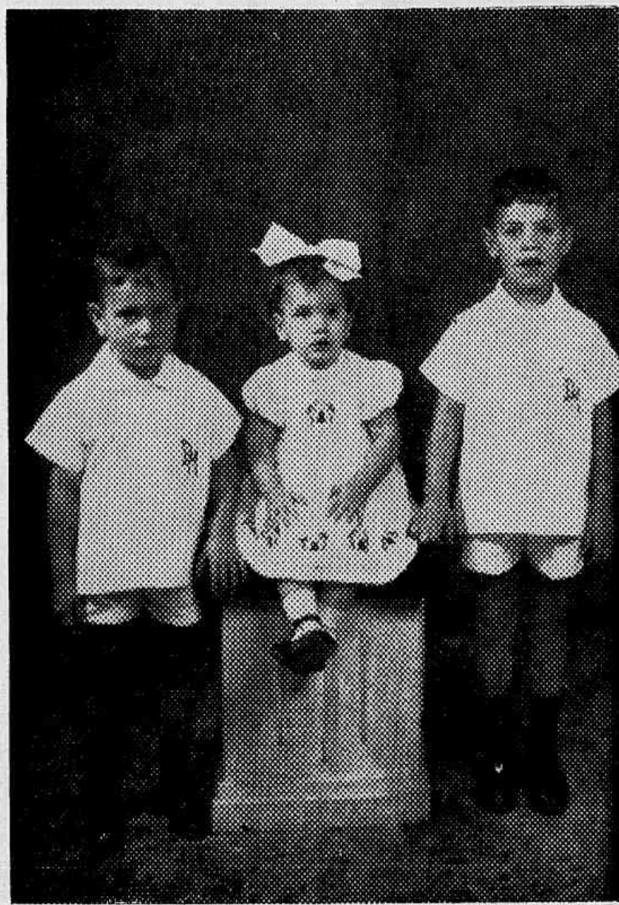
Comunicamos aos nossos leitores que foram os seguintes os números premiados, de acôrdo com a Loteria Federal do dia 24 de dezembro de 1952:

1º Prêmio	7.826
2º prêmio	5.010
3º prêmio	1.049

Até o momento, ainda não recebemos qualquer comunicação dos representantes em cujo poder se encontram os bilhetes premiados. Por essa razão não sabemos ainda quais as pessoas contempladas.

A GERÊNCIA

# Nossos GAROTOS



## SOCIAIS

(Conclusão da pág. 12)

### ANIVERSÁRIOS

6 DE NOVEMBRO — Completou 6 anos o inteligente garoto Marcel, filhinho de nossa redatora-chefe Fany Tabak.

7 DE NOVEMBRO — Aniversariou a Sra. Sílvia Lopes Cançado, nossa representante em Campo Florido, Minas Gerais.

8 DE NOVEMBRO — Completou 7 anos a menina Ana Lúcia Gomes. Todos três, filhinhos de nossos amigos residentes em Santo André, Estado de São Paulo.

13 DE NOVEMBRO — Completou 66 anos a nossa grande amiga Rosa Bitencourt, esforçada representante de MOMENTO FEMININO em Marchal Hermes (D. F.).

16 DE NOVEMBRO — Fêz um ano o menino Valdo Lúcio, filhinho de nossos amigos Manuel e Neumesis de Oliveira, residentes em Uberaba, Minas Gerais.

7 DE DEZEMBRO — Completou o seu segundo aniversário a graciosa menina Gianna, filhinha de nossos amigos Geni e José Moraes, residentes em Cabuçu.

17 DE DEZEMBRO — Completou 1 ano a pequenina Maria Luiza Fernandes, filhinha do casal Armando e Abadia Fernandes, de Uberaba — Minas Gerais.

22 DE DEZEMBRO — Completou 9 anos a menina Sonia Dercatscheff, filha de nossa leitora Maria de Lourdes Dercatscheff, de Uberaba, Minas Gerais.



# FAÇA A SUA SAIA...

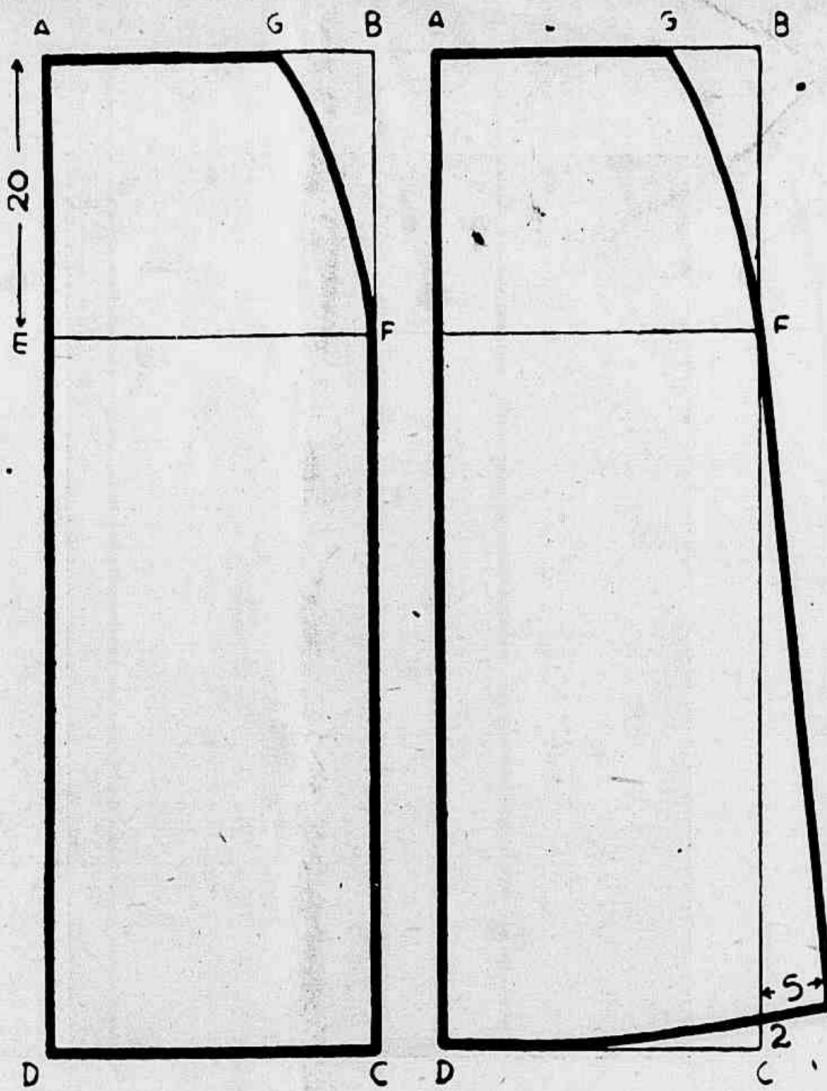


Fig. 1 — FRENTE

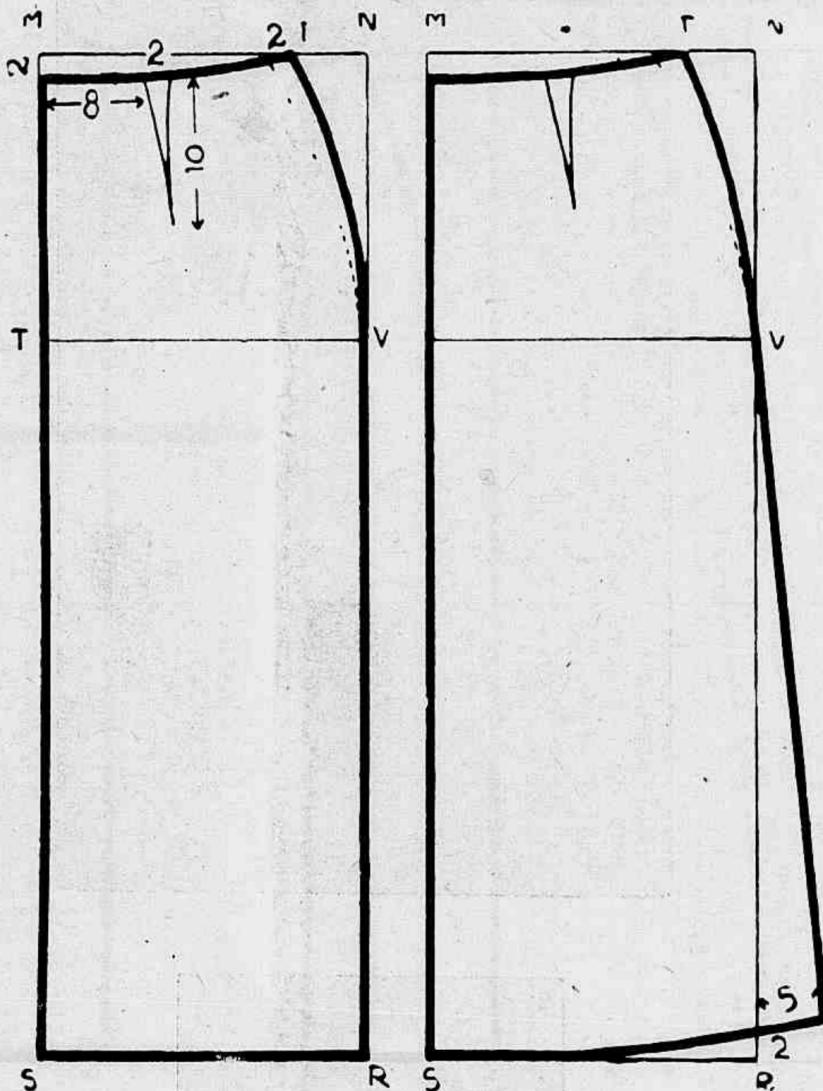
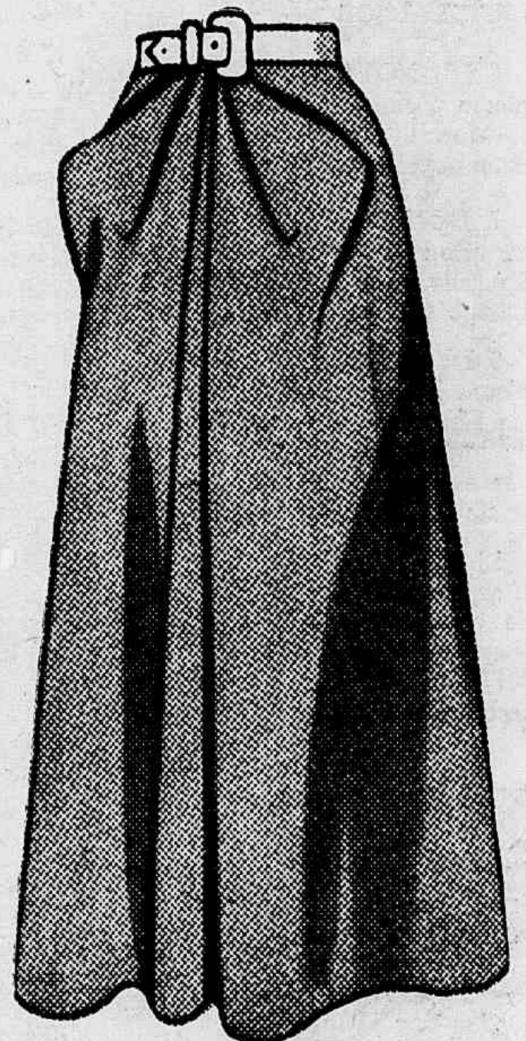
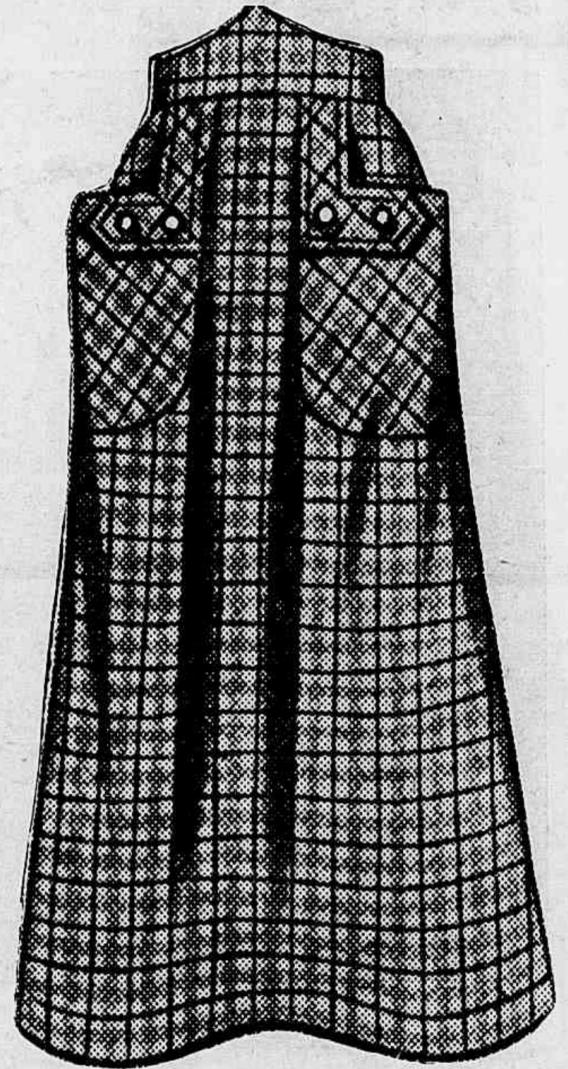


Fig. 2 — COSTAS



## MOLDE BÁSICO DE SAIA SIMPLES

Oferecemos às nossas leitoras o molde básico para fazer uma saia simples, que é o ponto de partida para o corte de qualquer saia de linha reta.

**FRENTE:** (fig. 1) — Traçar o retângulo ABCD, de largura igual à quarta parte da medida dos quadris (por ex. para quem tenha 100 cm de quadris, a largura será 25 cm) e de comprimento igual ao desejado para a saia. O lado AD corresponde ao meio da frente, com ou sem costura, conforme o modelo. O lado BC corresponde à costura do lado. Para traçar a curva do quadril, medir no lado BC a distância BF, igual à medida da altura dos quadris (em geral é de 20 cm). No lado AB, marcar a distância AG, igual à quarta parte da medida da cintura. Unir o ponto

G ao F por uma curva suave.

Se você quiser uma saia um pouco mais larga, basta aumentar o lado DB em 5 cm e elevá-lo de 2 cm a fim de traçar o arredondado da barra.

**COSTAS:** (fig. 2) — A diferença do traçado da frente está na linha da cintura, que deve ser cavada no centro em cerca de 2 cm. É preciso também colocar uma pence de 10 cm de comprimento por 2 cm de profundidade, o que obriga a aumentar a medida da cintura em 2 cm., a fim de compensar a diminuição causada pela pence.

**NOTAS** — Deixe uma margem de 5 cm para a bainha. Uma saia justa nunca deve ser cortada no sentido da largura, isto é, atravessada na fazenda, pois além de não cair bem, deforma-se com facilidade ao sentar.